

Não é de  
mais impostos  
que o país precisa.  
É de menos  
despesa pública

## O boi do Orçamento

José Miguel Pinto  
dos Santos

Em tempos que já lá vão, existia uma boa razão para o Orçamento do Estado apresentar conjuntamente um défice: reduzir o diferencial entre o PIB atual com o PIB potencial, isto é, a diferença entre o que se produziria e o que se poderia produzir. Este diferencial surgia tipicamente quando o consumo das famílias ou o investimento das empresas se contraía.

Neste caso, a compra de bens e serviços pelo Estado aumentaria a procura agregada e reduziria o desemprego dos fatores de produção, nomeadamente o do trabalho. Também através de transferências judiciais do Estado para as famílias mais carenciadas, além de se aliviar sofrimento dispensável, se poderia estimular a procura interna.

**A capacidade do défice do Estado de estimular a economia encontra-se hoje muito reduzida, e é por isso que défices que há 20 ou 50 anos seriam estimuladores hoje não produzem efeitos**

Transferências para os abastados nem reduziriam carências que não existiam nem estimulariam a economia, pois seriam em grande parte poupadas e não consumidas. Seria como o boi fazer as suas descargas fisiológicas no ribeiro em vez de no campo: o adubo perdia-se.

Infelizmente, a capacidade do défice do Estado de estimular a economia encontra-se hoje muito reduzida, e é por isso que défices que há 20 ou 50 anos seriam considerados brutalmente estimuladores hoje não produzem efeitos. Numa economia muito aberta não há qualquer garantia que a despesa do Estado estimule a nossa economia, nem através de aquisição de bens ou serviços pelo sector público nem através de transferências. Um TGV provavelmente estimulará a economia alemã e grande parte do rendimento social de inserção possivelmente estimulará as economias espanhola ou chinesa. Hoje, os défices do sector público, mais do que contribuir para a expansão da economia nacional, contribuem para o aumento das importações e o desequilíbrio na balança comercial. É esta a razão de, apesar de estarmos objetivamente a viver num período despesista com políticas orçamentais que deviam ser brutalmente expansionistas (com um défice acima de 6% do PIB), o produto não cresce nem o desemprego decresce. Não é de mais impostos que o país precisa. É de menos despesa pública. Pelo menos enquanto o boi continuar em cima do ribeiro.

Professor de Finanças, AESE